

# XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



## [Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti  
Maria de Fátima Morethy Couto  
Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas  
Outubro 2011





## **Aprender a ver: modelos para o decorativo nas Obras Raras do Museu D. João VI**

Marize Malta

Escola de Belas Artes-Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Resumo**

Pretende-se discutir como as artes decorativas e a decoração foram dadas a ler nas instituições de ensino artístico, resgatando publicações sobre o tema editadas em fins do século XIX e início do século XX, a partir do estudo do acervo constante nas Obras Raras do museu D. João VI. Os manuais de decoração oitocentistas, como as academias e liceus, ofereceram outras maneiras de ver a arte e a cultura, alicerçados em uma nova cultura da visão - o olhar decorativo - que encontrou significativa expressão nos livros didáticos, por meio de seus discursos, suas materialidades e ilustrações

**Palavras-chave:** manuais didáticos; obra raras da EBA-UFRJ, modelos para decoração; olhar decorativo

### **Abstract**

We intend to discuss how the decorative arts and decoration were presented for reading in art education institutions, rescuing publications on the subject published in the late nineteenth and early twentieth century, from the constant study of the rare books' collection at the D. João VI museum. The manuals on nineteenth-century decor, such as those in academies and colleges, offered other ways of seeing art and culture, grounded in a new culture of vision - the decorative eye - which found significant expression in textbooks, through their arguments, their materialities and illustrations.

**Keywords:** didactic manuals; rare works at the EBA-UFRJ, models for decoration; decorative eye

Toda instituição educacional, na sua grande maioria, possui uma biblioteca com obras consideradas significativas, visando a construção do conhecimento para o qual se destina, cujo acervo se constitui conforme tipo e nível de público. Tais obras, de cunho principalmente formativo, têm a missão de esclarecer questões, trazer saberes complementares às aulas, auxiliar mestres na transmissão de determinadas técnicas, percepções e discutir certos campos do conhecimento.

No Rio de Janeiro, a Escola de Belas Artes da UFRJ (EBA-UFRJ) e o Liceu de Artes e Ofícios reúnem obras desde os seus primórdios que, paulatinamente, preencheram crescente número de estantes de suas bibliotecas. Em virtude da idade das duas instituições, a primeira criada em 1816 e a segunda, em 1856, os acervos bibliográficos contam com exemplares que podem nos ajudar a esclarecer as complexidades do fazer artístico do passado<sup>1</sup>. É por essa vereda bibliográfica que pretendemos acessar alguns aspectos da produção artística de fins do século XIX, procurando conhecer melhor o acervo da biblioteca das Obras Raras da atual Escola de Belas Artes da UFRJ.<sup>2</sup>

Ao percorrer sua biblioteca, salvaguardada hoje pelo museu D. João VI, podemos vê-la como referência de um conjunto bibliográfico representativo do ensino acadêmico

---

<sup>1</sup> Muitos livros encontrados em uma instituição podem ser encontrados em outra. Essa duplicidade, observada *en passant*, ainda está para ser mais bem confrontada e carece de pesquisa sistemática, o que poderia nos trazer valiosas contribuições para o estudo da formação dos artistas e artífices oitocentistas. Confrontar as histórias oferecidas aos artífices com as lecionadas nos cursos acadêmicos seria um outro caminho para ler a complexidade do campo da arte quanto ao valor do artista e de sua produção.

<sup>2</sup> Segundo Alfredo Galvão, a biblioteca da Academia, assim como seu arquivo, foi iniciada por Félix-Émile Taunay quando no cargo de secretário, ocupado entre 1833 e 1834. GALVÃO, Alfredo. *Subsídios para a história da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954. p.12.

oitocentista. Como nos lembra Guilherme Simões Gomes Júnior:

Na medida em que a escola possui um caráter normativo, a biblioteca reveste-se de autoridade e adquire o caráter de dispositivo, pois nela se encontram os preceitos que fundamentam a arte e seus fazeres.

(...)

É nela [a biblioteca] em que estão as obras clássicas, o cânone da literatura artística que merece figurar no currículo e participar da rotina dos ateliês.<sup>3</sup>

A biblioteca das Obras Raras da EBA inclui tanto obras direcionadas para arquitetura,<sup>4</sup> pintura e escultura, áreas tradicionalmente vinculadas às belas artes, quanto para artes aplicadas, artes decorativas e decoração de interiores, mobiliário, vitral, couro, cerâmica, têxtil. A separação no campo do ensino não era clara e arquitetura, belas artes, artes decorativas nem sempre estavam demarcadamente separadas, como se supôs estar algum dia.

As diferentes concepções do decorativo são partes integrantes do entendimento e explanação da cultura visual oitocentista. A arte decorativa não é apenas uma questão de simples terminologia, é igualmente fruto de desigualdades, hierarquias que, postas no tempo, estabeleceram posições relativas e concederam privilégios a determinados objetos e profissionais. Sua complexidade e ambiguidade desafiam

---

<sup>3</sup> GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. Biblioteca de arte. Circulação internacional de modelos de formação. *Novos estudos – CEBRAP*, São Paulo, n.81, Julho 2008. O autor direcionou o artigo mais para o campo da arquitetura e assumiu que, para a formação do arquiteto, havia uma miscelânea de livros que poderiam ser classificados em três grandes conjuntos: os dogmáticos, os técnicos e os exemplares.

<sup>4</sup> A respeito do conjunto bibliográfico referente à arquitetura na seção de obras raras do museu D. João VI, veja GONÇALVES, Denise. O acervo de obras raras como fonte de estudo sobre o ensino acadêmico de arquitetura. In: MALTA, Marize (Org.). *O ensino artístico, a história da arte e o museu D. João VI*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2010, p.44-50.

posturas unilaterais e unidisciplinares, o que implica lidar com variadas fontes e abordagens. Pretendemos discutir aqui uma parte da sua natureza polissêmica, procurando entender como as artes decorativas e a decoração foram dadas a ler e a ver nas instituições de ensino artístico, resgatando publicações sobre o tema editadas no século XIX e início do século XX.

Muitos desses livros tomaram a denominação de manuais, reforçando a intenção educativa para o qual se predispunham. Manuseá-los com frequência, consumindo as informações que carregam, assegura o alcance da transformação pelo conhecimento. Cada qual procurou usar os meios considerados mais eficazes para garantir esse acesso, utilizando-se de descrições normativas ou instruções expressivas,<sup>5</sup> em que a imagem, no caso a imagem artística, alcançou posição protagonista.

Os manuais de decoração oitocentistas, como as academias e liceus, ofereciam outras maneiras de ver a arte, alicerçados em uma nova cultura da visão que encontrou significativa expressão nos livros didáticos, por meio de seus discursos, suas materialidades e ilustrações. Diferentes imagens e textos sobre objetos e ambiências estabeleciam estratégias de representação do decorativo e colaboravam para criar um elo entre a expressão plástica da pintura e a materialidade espacial da arquitetura.

A diferenciação entre decoração e ornamento não era evidente e muitas vezes as duas categorias eram tomadas como sinônimas. Para efeito desta comunicação não iremos tratar dos aspectos diferenciadores, pois os títulos dos livros

---

<sup>5</sup> Conforme aceção de SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p.201-216.

não registravam de forma explícita uma separação entre a ação de ornar e decorar ou entre motivos decorativos e ornamentais. Assim, obras cujos títulos exibem a palavra ornamentação foram incluídas no bojo da pesquisa sobre os manuais de decoração. Também é importante esclarecer que o trabalho é uma pesquisa em andamento, da qual apresentamos um fragmento.<sup>6</sup>

Em artigo publicado nos Anais do Museu Paulista, em 2008, Solange Ferraz de Lima apresenta um panorama sobre os manuais de ornamento que circularam principalmente por São Paulo. Traz em anexo, em listagem intitulada “Manuais, repertórios, enciclopédias e guias de estilos. Acervo localizado em instituições brasileiras – 128 títulos”.<sup>7</sup> Compreende o acervo levantado, além de coleções particulares e sebos em São Paulo, sete bibliotecas de instituições paulistas e duas cariocas. No caso do Rio de Janeiro, serviram como referência a Biblioteca Nacional e a biblioteca do Museu Nacional de Belas Artes. Ficaram de fora as bibliotecas do Liceu de Artes e Ofícios e das Obras Raras da EBA-UFRJ, altamente representativas do ensino artístico não só do Rio de Janeiro, mas nacional, visto a condição de referência que a academia/escola e seus mestres tiveram sobre instituições relacionadas ao ensino artístico em todo o Brasil. Não custa lembrar que a referida Biblioteca de Obras

---

<sup>6</sup> Até o momento foram levantados 165 títulos vinculados ao campo do decorativo, tarefa que contou com o inestimável auxílio dos bolsistas Tiago Cardoso, no segundo semestre de 2010, e Fernanda Spiessberger, no primeiro semestre de 2011. Uma primeira análise do conjunto foi alvo de exposição temporária, realizada para integrar a Semana de Museus do Ibram e que se estendeu como atividade paralela ao II Seminário do Museu D. João VI, ocorridos em maio de 2011.

<sup>7</sup> LIMA, Solange Ferraz de. O trânsito dos ornatos. Modelos ornamentais da Europa para o Brasil, seus usos (e abusos?). *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.16, p. 151-199, jan.- jun. 2008. p.191.

Raras corresponde ao acervo bibliográfico reunido desde os tempos da Academia de Belas Artes, quase bicentenário.<sup>8</sup>

Os manuais, didaticamente alicerçados nas estampas depositadas em suas páginas, estão inseridos no bojo das transformações relativas à produção de imagens que ocorreram no século XIX, quantitativas e qualitativas, sendo co-responsáveis no estabelecimento da centralidade da imagem na construção de sentido. Ensinava-se pelas imagens. As gravuras, na sua maioria, não eram apenas ilustrações, mas evidências visuais. O mundo, na sua dimensão histórica e geográfica, poderia ser sintetizado em coleções de figuras, estampas, repertórios ornamentais, fazendo-se reconhecer por meio da experiência visual. Diverso de outros períodos, a quantidade fazia toda a diferença – quantidade de publicações e quantidade de imagens por publicação, além do grande número de diferentes imagens em uma mesma página.

Estima-se que o número de imagens impressas durante o século XIX tenha sido consideravelmente maior do que o total produzido até 1801.<sup>9</sup>

Do ponto de vista gráfico, podemos encontrar uma grande variedade de tipos de impressão de imagens: gravuras em madeira, chapas de cobres, litografias, cromolitografias, chegando às fotografias. Armand Guérinet,<sup>10</sup> por exemplo, livreiro-editor francês, ativo entre fins do século XIX até os

---

<sup>8</sup> Igualmente representativa, a biblioteca das Obras Raras da Escola Politécnica da UFRJ merecia ter sido ponderada. Seu acervo reúne igualmente muitos manuais e periódicos referentes às artes decorativas/ornamentais.

<sup>9</sup> IVINS JR., William. *Prints and visual communication*. Cambridge: MIT Press, 1973, p.94.

<sup>10</sup> GUÉRINET, Armand. *Mobilier national: reproduction des objets d'art réunis à la 7<sup>e</sup> Exposition de l'Union Centrale des Arts Décoratifs*. Paris: Armand Guérinet, s. d..

anos 1920, era especializado em artes decorativas e arquitetura, cujas edições por ele produzidas pautavam-se em representações fotográficas.

Graças à variedade e à disponibilidade de formas de reprodução gráfica, muitas obras procuravam reunir uma grande gama de exemplos visuais, tornando-se verdadeiras enciclopédias artísticas (ou o que julgavam como tal). O mundo podia ser acessado em um único livro. Podemos citar o livro de Louandre e Ciappori, que dissertava sobre as artes suntuárias, cuja apresentação chamava a atenção para o fato de que “Esta obra é maior do que cem livros, mais que cem bibliotecas. É um mundo que se encontra século a século (...). É um imenso relicário histórico (...)”.<sup>11</sup>

Cada publicação procurava dar sua versão de síntese do mundo, seja por meio de artefatos, ambientes decorados ou motivos ornamentais. Os motivos decorativos alçavam a condição de formas universais, descontextualizados da origem cultural e dimensão histórica. Desapegados de seus territórios e do lugar onde se depositavam, os motivos decorativos eram mais facilmente consumidos e apossados por diversas nacionalidades, assumidos como desenhos aplicáveis em superfícies para dar-lhes caráter e proporcionar aos seus donos prazer visual.

Os objetos decorativos eram vistos tanto isoladamente quanto em conjunto. César Daly, no seu *Motifs Historiques d'Architecture et de Sculpture d'Ornement*, dedicado a decoração de interiores a partir de modelos franceses do

---

<sup>11</sup> LOUANDRE, Ch.; CIAPPORI, Clus. *Les arts somptuaires*. Histoire du costume et de l'ameublement et des arts et industrie qui s'y rattachent. Paris: Hangard-Maugé, 1858. p.1.



Figura 1 - prancha de um salão em estilo Luís XVI, do livro *Motifs historiques d'architecture et de sculpture d'ornement*, de César Daly.

começo da Renascença ao fim do estilo Luís XVI, oferecia, em pranchas preto e branco e policromadas, exemplos do conjunto da decoração de cômodos (salões, salas de jantar, dormitórios, *boudoirs*) e de detalhes da decoração, tais como escadas, lareiras, portas, tetos, tremós, painéis, lambris, molduras de espelho. **[Figura 1]**

Apesar de a existência de livros em língua inglesa, alemã e italiana, não resta dúvida em relação ao predomínio dos livros em francês,<sup>12</sup> e de autores franceses. Podemos citar, por exemplo, Henry Havard, um dos autores recorrentes na área de artes decorativas. Suas obras pertencentes ao acervo são:

<sup>12</sup> O emblemático livro de Owen Jones possui exemplar em versão francesa no acervo das Obras Raras da EBA. JONES, Owen. *Grammaire de l'ornement*; illustrée d'exemples pris de divers styles d'ornement; cent douze planches. Londres: Bernard Quaritch, 1865.



Figura 2 - prancha X do livro *L'art dans la maison*, de Henry Havard.

- *Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration depuis de XIII siècle jusqu'à nos jours*. Paris: Ancienne Maison Quantin/Librairies Imprimeris Réunies, s. d..

- *Histoire et philosophie des styles. L'architecture, ameublement, décoration*. Paris: Librairie Générale d'Architecture et des Arts Industriels/Charles Schmid Éditeur, 1900.

- *L'art dans la maison (Grammaire de l'Ameublement)*. Paris: Rouyere et G. Blond, 1884. **[Figura 2]**

- *L'art et le confort dans la vie moderne. Le bon vieux temps*. Paris: Ernest Flammarion Éditeur, 1904.

Essa evidência reforça o vínculo do ensino artístico da Academia de Belas Artes brasileira ao paradigma francês, situação auxiliada pela predominância no comércio livreiro no Rio de Janeiro por casas comandadas por franceses, o que pode ser corroborado por algumas notas de compra existentes no acervo do museu D. João VI. Mesmo assim, algumas publicações procuravam apresentar repertórios

para além da geografia francesa, por mais que o filtro francês comandasse as escolhas.<sup>13</sup>

Para alcançar a modernidade, tão estreitamente relacionada à explosão de produção de imagens, era necessário alfabetizar-se visualmente. Os manuais procuravam responder a essa demanda. Partindo do fato de que a prática pedagógica se estabelecia pelo exemplo, como nos exercícios de cópia, as estampas existentes nos livros acessíveis à época também formavam um conjunto-tipo que podem ser tomados como indícios do desejo do alcance de uma modernidade visual, assentada na condição da aparência.

No esforço de procurar agrupar tipologias de publicações relacionadas ao decorativo, poderíamos apontar, em um primeiro momento, as seguintes modalidades encontradas no acervo:

- Dicionários;<sup>14</sup> - Repertórios;<sup>15</sup> - Gramáticas;<sup>16</sup> - Históricos;<sup>17</sup> - Tratados;<sup>18</sup>  
Decoração de Interiores;<sup>19</sup>

---

<sup>13</sup> HIRTH, Georges. *L'art pratique. Recueil de documents choisis dans les ouvrages de grands maîtres français, italiens, allemands, néerlandais, etc.* Paris: Geoge Hirth, 1892.

<sup>14</sup> Exemplo: VIOLLET-LE-DUC, M. *Dictionnaire raisonné de mobilier français de l'époque carlovingienne à la Renaissance.* Paris: V. A. Morel & C. Éditeurs, 1872.

<sup>15</sup> RACINET, M. A. *L'ornement polychrome; cent planches en couleurs or et argent, contenant environ 2000 motifs de tous les styles. Art ancien et asiatique, Moyen Age, Renaissance, XVIIe et XVIIIe siècle. Recueil historique et pratique.* 2 ed. Paris: Librairie Fimin-Didot, Fils et Cie.

<sup>16</sup> Seja a emblemática *Gramática do Ornamento*, de Owen Jones (*op.cit.*) ou, com temática mais específica, a gramática de Charles Blanc. BLANC, Charles. *Grammaire des arts décoratifs.* Décoration intérieure de la maison. Nouvelle édition, ornée de 255 gravures. Paris: Henri Laures/Librairie Renouard, s.d.

<sup>17</sup> CHAMPEAUX, Alfred de. *Le meuble.* Vol. 1. Antiquité, Moyen Age et Renaissance. Nouvelle Édition. Paris: Ancienne Maison Quantin/Librairie Imprimeries Réunies, 1885.

<sup>18</sup> L. Chauvet. *Traité de peinture en bâtiment et de décoration.* Paris: Georges Fanchon Éditeur, s.d..

<sup>19</sup> DALY, M. César. *L'architecture privée au XIXe siècle. Décorations intérieures peintes.* Paris: Ducher et Cie., 1877. O segundo volume, por exemplo, tratava de gabinetes de trabalho, biblioteca, acesso e dependências, salas de concerto, lojas e detalhes diversos.

Os repertórios poderiam ser oferecidos em forma de livros e de periódicos, como o *Journal de la Décoration*.<sup>20</sup> Também podiam estar representados por uma temática, de modo a aprofundar certa questão decorativa, como *Herculanum et Pompéi, Recueil general des peintures, bronzes, mosaïques, etc.*<sup>21</sup> Outro exemplo, mais específico enquanto motivo, seria *La fleur et ses applications décoratives*.<sup>22</sup> Os chamados tratados, por outro lado, costumavam se endereçar ao fazer, oferecendo instrumentais técnicos para atingir o paradigma decorativo em termos materiais.

Os livros, entretanto, não se tornaram fontes de interesse somente pelo conteúdo, mas pelas suas materialidades, por meio de trabalhadas encadernações, que se utilizavam de revestimentos nobres e motivos ornamentais aplicados, o que lhes adicionava mais atrativo ao manuseio. As encadernações,<sup>23</sup> consideradas integrantes do campo da arte aplicada, obtiveram grande interesse dos produtores e consumidores em fins do século XIX, na Europa, e também no Brasil.

Casas encadernadoras, como a que trabalhava J. B. Lombaerts, encadernador da Casa Imperial e da Academia

---

<sup>20</sup> JOURNAL DE LA DÉCORATION; recueil de dessins pour les arts industriels. Figures, sculptures d'ornements, types pittoresques d'animaux et de plantes, trophées, armoires, attributs de métiers, etc. À l'usage des dessinateurs, peintres, sculpteurs, architectes, imprimeurs, décorateurs, etc. Paris: Armand Guéринet, s.d.

<sup>21</sup> AINÉ, H. Roux. *Herculanum et Pompéi, Recueil general des peintures, bronzes, mosaïques, etc.* Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie., 1875.

<sup>22</sup> FRAIPONT, G. *La fleur et ses applications décoratives*. Trente-deux planches. Paris: Librairie Renouard/Henri Laurens Éditeur, s.d.

<sup>23</sup> Sobre as encadernações artísticas de fins do século XIX, veja THOMSON, Ellen Mazur. Aesthetic issues in book cover design 1880–1910. *Journal of Design History*, v. 23, n. 3, p.229-245, 2010.

Imperial das Belas Artes, eram referência não só para particulares como para instituições. Dentre outros serviços oferecidos por Lombaerts (venda de objetos de escritório e de desenho), anunciava-se oficina de encadernações ricas e ordinárias, além de registrar os prêmios recebidos pela Academia das Belas Artes, em 1860, e pela 1ª Exposição Nacional, de 1861, sugerindo o quanto o ofício detinha importância no mundo bibliográfico. **[Figura 3]**

Os livros cada vez mais standardizados, impressos em milhares de unidades e sofrendo o processo de desgaste e descartabilidade, ganhavam outra qualidade ao receberem invólucros atrativos. Para alguns, as capas deveriam denunciar os conteúdos, como afirmava o encadernador francês Henri Marius Michel.<sup>24</sup> Capas em tecido ou couro denunciavam um desejo por perenidade. Valorizavam o seu conteúdo, apontando para a amenização da sua condição serial e industrial, além do teor de seus escritos, digno de ser preservado e colocado em local de destaque nas estantes das instituições ou das casas.

Se a antipatia modernista pelos prazeres da decoração e da ornamentação fez com que muitos desses manuais fossem esquecidos, depende de nós resgatarmos sua história e sua importância na formação dos artistas oitocentistas. Longe de ser marginal ou desconsiderada, a decoração, a partir desses manuais, estava presente na formação artística institucionalizada oitocentista, oferecendo repertórios de modelos, prescrições de criação da forma decorativa, receituários do fazer e do alcance de

---

<sup>24</sup> MICHEL, Marius. *L'ornementation des reliures modernes*. Paris: Marius Michel et Fils, 1889. Acessível em: <http://fr.wikisource.org/wiki/>

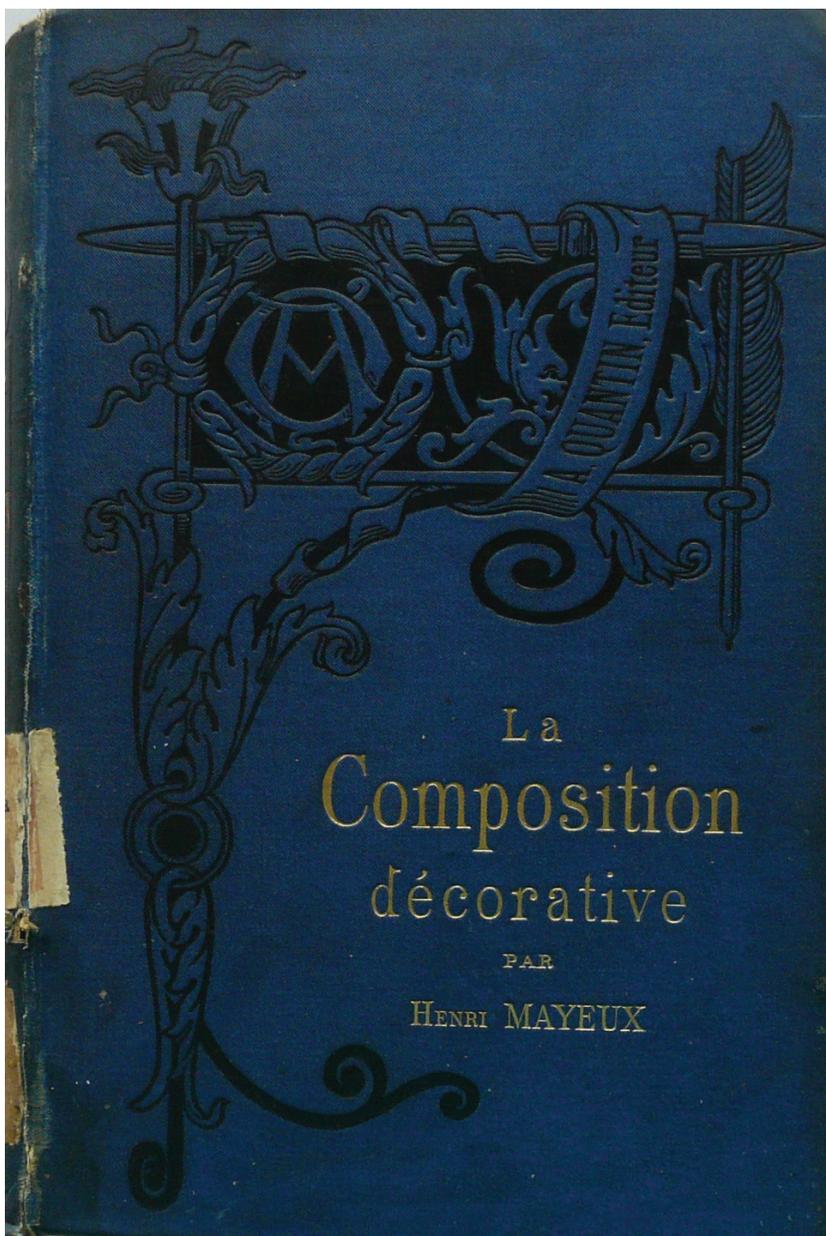


Figura 3 - capa do livro La composition décorative, de Henri Mayeux.

uma ambiência decorativa, lembrando que as noções sobre decoração não estavam cristalizadas mas estavam sendo negociadas e ressignificadas na cotidianidade acadêmica.